

## ESTE NOSSO TEMPO...

por Mário Soares

Mesmo Pangloss, o célebre personagem de Voltaire, se existisse, teria hoje dificuldade em ver o nosso Mundo, com o seu imperturbável optimismo... A natureza e a humanidade desencadearam os seus respectivos demónios, que parecem estar, cada vez mais, à solta. A natureza, nos diferentes lugares da terra, tem-nos trazido, sucessivamente: tsunamis, ciclones, maremotos, inundações, ventos ciclónicos, tremores de terra e, agora, erupções de vulcões, na distante Islândia, que paralisaram os aeroportos da Europa do Norte, e não só. Um espectáculo triste e nunca visto.

São fenómenos naturais normais, dirão alguns, mais desatentos. Para aqueles que já vivem há mais de oito décadas, como eu, e nunca viveram nem tiveram conhecimento, de nada semelhante, pela conjugação sucessiva de tantas catástrofes naturais, é prudente interrogarmo-nos: será que a mão inconsciente e desastrada do homem, que agride e maltrata o Planeta e compromete os seus equilíbrios naturais, não terá nestes factos a sua dose de responsabilidade?

Não sou cientista nem tenho conhecimentos bastantes para poder ser ouvido e responder. Limite-me a pôr a questão.

A recente Cimeira de Copenhaga, que devia condenar o aquecimento global, foi um fracasso, como se sabe, em virtude do acordo suspeito estabelecido, à última hora, entre os Estados Unidos e a China que, por coincidência ou talvez não, são os dois maiores poluidores mundiais. A verdade é que conseguiram paralisar, por uns meses, a Europa - à qual não atribuíram a menor importância - e várias delegações vindas de outros Continentes...

Pior do que isso. Apareceram cientistas, que contrariaram abertamente o pensamento da esmagadora maioria dos ecologistas, afirmando que o aquecimento global não é provocado pelo homem nem pelo abuso excessivo do emprego de combustíveis derivados do petróleo. É um facto natural, disseram e repetiram. Portanto, não há responsáveis. A ganância dos homens é capaz de prosseguir, em defesa dos seus interesses imediatos, sem sequer afectar as suas boas consciências, se as tiverem...

Acredito que, no próximo encontro internacional ecológico, a verdade científica seja reposta e as grandes potências sejam obrigadas a respeitar as regras que visam limitar radicalmente o aquecimento global.

Mas o Mundo não está só perigoso por causa das catástrofes naturais que se sucedem, com indubitável maior frequência. O terrorismo global continua a fazer estragos, desde 2001. Vários países (excessivos, a meu ver) dispõem da bomba atómica. É preciso limitá-los. O acordo que o Presidente Barack Obama conseguiu estabelecer, com a Rússia e com a China, para reduzir as respectivas bombas atómicas e impedir a sua proliferação, a países que ainda não a têm - como o Irão - foi um acontecimento notável, de consequências políticas e geo-estratégicas muito positivas.

Num Mundo tão perigoso como aquele em que vivemos - com tantos conflitos armados, por resolver, em todos os Continentes - é preciso reduzir drasticamente a venda livre de armas e desenvolver a Cultura de Paz, de que tem falado, incansavelmente, Federico Mayor Zaragoza, e reduzir o mais possível as formas de educação para a violência, que as televisões, infelizmente, têm vindo a fazer, inconscientemente ou talvez não, e numa escalada inaceitável. Os governos europeus responsáveis e todos os outros que se consideram Estados de Direito, e, portanto, são respeitadores dos Direitos Humanos, não podem deixar de tomar medidas eficazes para desenvolver a cultura de paz e repudiar, pedagógica e sistematicamente, todas as formas de violência, que entram quase sem darmos por isso, todos os dias em nossas casas. Para bem dos nossos filhos e netos e do futuro da humanidade.

Realmente, não é só a economia que está desregulada e a política incerta e insegura, à espera de melhores dias - não sabemos quantos - para vencer a crise. É também a natureza, com tantas catástrofes sucessivas. É tempo de a cidadania global, abrir os olhos, e reagir.

Não deixar apagar a memória.

Em parceria com a Câmara de Vila Franca de Xira - e outras instituições - a Fundação Mário Soares organizou no Museu do Neo-Realismo, uma exposição sobre o Campo de Concentração e Morte Lenta do Tarrafal, criado em 1935, pessoalmente, por Salazar e instalado em Cabo Verde, numa zona então quase desértica. Estiveram presentes, várias individualidades cabo-verdianas e portuguesas com vários Presidentes de Câmara, entre os quais o do Tarrafal, o Governador Civil de Lisboa e representantes de Partidos de Esquerda: Comunista, Bloco e Socialista. A exposição que já tinha sido levada, há cerca de um ano, ao Tarrafal, foi muito melhorada e enriquecida, com inúmeros documentos e fotografias do Campo de Concentração, da sua história e foi objecto de um filme, realizado pela Diana Andringa, que foi exibido no Museu do Neo-Realismo, em estreia, no passado Domingo.

Não deixar esquecer a memória histórica é importante e reconfortante, no plano moral e cívico, para aqueles que viveram e sofreram na pele o horror que foi a sua estadia no Tarrafal e as péssimas condições em que lá estiveram longos anos. Muitos morreram, como Bento Gonçalves, e tantos outros, na primeira fase de 1936 a 1945. Houve outra e o Campo foi reaberto em 1961, só para os nacionalistas africanos, ditos então terroristas.

A vitória dos Aliados e da Democracia, no fim da guerra, obrigou Salazar - pelo menos isso - a fechar esse Campo sinistro, em virtude da indignação com que a opinião mundial soube dos campos de concentração nazis.

Mais tarde, começou a conhecer-se que também havia Campos de Concentração, tão maus como os nazis, na União Soviética. Ao princípio, muitos - como eu, por exemplo - não quiseram acreditar. Parecia-nos impossível! Mas depois dos livros de Soljenitsin e de outros dissidentes célebres tivemos que nos render à evidência. E aprendemos. Não nos basta gritar: "fascismo nunca mais". É preciso ir mais a fundo e exclamar: "totalitarismo nunca mais". Seja qual for, reclame-se da Direita ou da Esquerda.

Manter viva a memória é muito importante. Porque não nos deixa cometer os erros do passado. Mas é também preciso, após a transição para a democracia, ter o cuidado, a tolerância e a habilidade política de não cair no justicialismo excessivo, que sempre cria divisões profundas em sociedades onde muitos dos cidadãos foram cúmplices, até pelo silêncio, do passado ditatorial.

A Revolução dos Cravos foi pacífica e tolerante. Não houve perseguições, nem discriminações, nem violências. Por isso, penso eu, vamos fazer trinta e seis anos de paz política e social, em que as instituições democráticas, apesar dos seus defeitos, funcionam sem grandes sobressaltos, revoluções, atentados ou actos graves de violência. É um activo de que devemos orgulhar-nos.

E, no entanto, tivemos quarenta e oito anos de ditadura cruenta e de contínua opressão política e social. Com a cumplicidade indiscutível da Igreja Católica que foi durante décadas um aliado submisso do ditador, até ao Concílio Vaticano II, pelo menos.

Contudo, a II República, que comemora agora cem anos, teve a inteligência política de ser não só respeitosa como tolerante em relação à Igreja Católica, nunca se deixando cair em disputas religiosas ou em velhas retaliações. Que seriam inúteis e descabidas, aliás, num Estado laico que assegura o respeito pelo direito à liberdade religiosa a todos os cidadãos, bem como o direito de não ter qualquer crença.

Isso distingue - por exemplo - a Igreja Portuguesa da Espanhola, sendo a portuguesa muito mais aberta, tolerante e progressista. Espero que distinga também os Partidos portugueses dos espanhóis...

### A nossa vizinha Espanha.

Está a viver, julgo eu, um momento particularmente delicado e complexo. Sou um amigo e admirador de Espanha, dos povos que a compõem e da sua invulgar cultura e arte. Muito da minha formação política foi feita seguindo, apaixonadamente, a guerra de Espanha, em favor, obviamente, da II República.

Depois da Revolução dos Cravos segui, com enorme atenção, a "transição democrática" de Espanha, que constituiu um primor e um exemplo excepcional de habilidade e sensatez política. Admiro, sou - e fui - amigo de quase todos os grandes protagonistas desse período: D. Juan, D. Juan Carlos, Adolfo Suarez, Santiago Carrillo, Tierno Galván, Felipe Gonzalez, Manuel Fraga, Jordi Pujol, Pallac, Maragall, Semprún, Raul Morodo, Fernando Morán, Leopoldo Calvo Sotelo, Mugica e tantos outros companheiros do tempo do meu exílio em França.

Contudo, devo reconhecer que hoje, vinte e cinco anos depois de assinarmos, em Lisboa e Madrid, no mesmo dia, os respectivos Tratados de Adesão à CEE - e de um período tão longo e próspero de incomparável desenvolvimento - a Espanha atravessa, como toda a Europa, um período de grandes dificuldades. Económico-financeiras, claro, apesar da ministra da Economia e Vice-Presidente, Elena Salgado, ter concedido ao El País de Domingo passado, uma excelente entrevista em que afirma "ter-se estabilizado a situação e que haverá crescimento a seguir". E mais: "que já não se está na fase de combater a crise, mas de aproveitar a recuperação".

Oxalá assim seja. Mas há vida para além da economia. O deficit é importante, precisa de ser reduzido, mas há que estimular a economia real e, sobretudo, cuidar das pessoas. Ora, a política está séria, em Espanha. A Oposição do PP, envolvida em tantos casos de corrupção, é difícil e não será o que mais preocupa o Governo Zapatero. Mas não esqueçamos a ETA, embora pareça em estertor final. O incansável ministro Rubalcaba tem dado alguns sinais de optimismo.

Há ainda os problemas complexos e extremamente difíceis das nacionalidades e das autonomias. E, para completar o quadro, a guerra do Tribunal Supremo ao juiz Baltazar Garzón, em virtude da investigação que fez ao franquismo e dos crimes praticados pela Ditadura, durante e depois do fim da guerra, com mais de cem mil espanhóis sequestrados e desaparecidos e cerca de trinta mil crianças, tiradas dos cárceres em que estavam suas mães e também desaparecidas.

Felizmente este ataque a Garzón não é popular em Espanha, segundo uma sondagem recente. Mas é apoiado por grupos de extrema-direita muito perigosos e que não desarmam. É uma situação que preocupa a Europa - que a segue, criticamente, muito de perto - e que também nos devia preocupar a nós, seus vizinhos, aliados e irmãos ibéricos.

Lisboa, 20 de Abril de 2010